



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX—N.º 488—Preço 1\$00
24 DE NOVEMBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aqui, LISBOA

O júbilo que envolveu a cidade do Porto, quando da visita do Chefe do Estado para a inauguração de grandes melhoramentos, creio se estendeu em ressonância singular a todo o português atento. Particularmente para nós que vivemos em Lisboa, o facto constituiu uma prova firme de quanto se encara com realismo, o problema dos desalojados. Foi o próprio Chefe do Estado que em palavras mais que paternas pôs a descoberto o seu coração solícito e magnânimo: «Todos os governantes devem ter sempre presentes na sua acção, a necessidade de dar pão, habitação e educação a todos aqueles que governam um lar». Reconhecendo embora o nosso atrazo em tal matéria, acrescentou «que é enorme o afã por toda a parte, sobretudo no Porto, pela construção de lares decentes, onde possam viver e sentir-se bem todas as famílias». É incontestável que as grandes ideias modificam os povos. Poderiam tê-lo dito, mas subentendeu-o certamente o «afã» dos governantes, aliás bem frizado nas palavras do Sr. Ministro das Obras Públicas, ao pôr a claro o entusiasmo, a disposição da Administração Municipal e a «consagração do melhor da sua competência e da sua devoção ao serviço dos interesses da cidade», pois que perante «a irresolução do problema das Ilhas reconhecida o Governo a razão de ser da preocupação»; e concluiu pela «necessidade de uma mudança de escala no esforço da administração pública, já que não podia esperar-se doutras intervenções, o remédio decisivo para este tão grave problema».

Ou seja: o problema, embora nascido dentro de muros, era de tal ordem que o Ministério das Obras Públicas anunciou à Câmara «o propósito de a auxiliar a resolver de vez este assunto». É interessante notar que na fraseologia do Sr. Ministro das Obras Públicas transparece um juízo limpo e seguro das situações, numa coordenação dinâmica de ideias e factos, ao reconhecer a necessidade duma mudança de escala no esforço, como remédio decisivo para este grave problema. Grave problema sim, e tão grave que se propôs resolvê-lo de vez. Sempre se diz que para grandes males grandes remédios. E assim, neste momento, o nosso Governo sente recompensados os seus esforços porque encontrou «no excepcional merecimento da Câmara do Porto, a melhor garantia para o êxito do rendimento do esforço financeiro que se propôs fazer, para tornar possível a resolução definitiva dum problema de importância tão fundamental». Resoluções definitivas para os problemas fundamentais é aliás o rumo que é preciso seguir em vários sectores da vida nacional. E daí ser este problema dos desalojados, um de importância nacional. Nunca porém se caminhará demasiado depressa para «dar pão e habitação e educação a todos aqueles que governam um lar». Creio bem que a experiência do Porto vingou, sendo por demais evidentes os resultados «qualitativos e quantitativos» a que no discurso o Sr. Ministro se referiu ao louvar em nome do Governo a Administração Municipal.

Temos nós, os de Lisboa, um antecedente por demais fecundo nas suas consequências práticas. A nobre cidade em que vivemos é quem marca a cadência do desenvolvimento nacional. Neste ponto, se vai atrazada, não é por ostracismo. Mas sim pela magnitude complexa da sua governação. Há em Lisboa dezenas de bairros de latas que constituem igualmente um problema de importância fundamental para a cidade, quanto o das «Ilhas» para o Porto. Não se avalia por enquanto a grandiosidade consequente da urbanização dos acessos à ponte sobre o Tejo. Mas essa será ridícula se continuarem em putrefacção as «execradas» barracas, onde vegetam famílias sem pão nem educação, que «não atingem os requisitos mínimos de ordem social e defesa da saúde dos seus habitantes, nem obedecem a condições de sobrevivência». Refiro-me aos bairros das Pedreiras do Hilário e do Adelino de Sousa onde vai assentar o tabuleiro da Ponte. Estes bairros já começaram a sofrer com a remoção das terras sem ninguém se doar de quem lá mora. As barracas do Guano, da Pimenteira e Vila Pouca, arrazadas futuramente pelos acessos. As da Travessa da Inglesa e do Monte Branco já em demolição. E que dizer do Casal Ventoso, das Furnas de Monsanto, e de toda a zona que ladeia de perto a Avenida de Ceuta ou o Viaduto? Estamos perante um problema, cuja solução será a prova iniludível de quanto representam «de facto» na administração pública os interesses humanos mais elementares.

Padre José Maria

FOI pensamento sublime aquele que Deus ditou a Pai Américo para a criação do Calvário. Almas imorais em corpos enfermos, votados ao desamparo, reclamavam poiso condigno para as horas derradeiras da passagem terrena. Inválidos sem família, doentes sem cura, monstros sem abrigo na sociedade que os segregava—foram e são ainda o motivo premente da existência do Calvário.

Este nasce. Cresce. A multidão dos crentes na ressurreição da carne enferma, apodrecida ou deformada, quer que o Calvário seja. E ele é.

Umhas vezes tem sido local de ressurreição para tantos, que no abandono a que estavam entregues, nunca passariam de pesos mortos.

O Zézito, sem mãos nem pés, era joguete da avó, que lhe explorava a deformidade. Hoje, com membros artificiais, vai à escola como os da sua idade, para em breve levar vida como os demais.

A pequenita Alice, cega pela fome que passou (aos seis anos pesava apenas quatro quilos!), declarada sem recuperação, passado um ano encontra-se fisicamente normal e apta à aprendizagem escolar.

O octogenário Sr. Freire, de perna amputada pela gangrena, e sem vista alguma, nem amparo de família, que a não tinha, é hoje a alegria dos que o rodeiam, porquanto se lhe restituiu a vista, após anos de cegueira.

Mas o Calvário é sobretudo leito de Esperança para quem aguarda a partida, seja o inválido que entorpecceu, ou o cancelado.

TRIBUNA de Coimbra

Foi cheia de simplicidade a bênção da Casa-Mãe e Capela do Bairro do Património dos Pobres de Coimbra.

Não houve convites, nem tão pouco a cerimónia foi muito anunciada. Estavam todas as Criaditas, estava um bom grupo de pessoas que nunca faltam, estavam os Pobres mais os filhos deles. Tudo muito simples e com muita alma. Tudo muito em família, pois basta os Pobres serem objecto de grandes concentrações e discursos fogosos e vazios e rios de tinta nos jornais.

Eu fui instrumento da Bênção de Deus. A capela dedicada a N. S. de Fátima ficou aberta a todas as necessidades do espírito. A porta da casa ficou escancarada para acudir às necessidades do corpo. Em todos nós ficou a consolação de uma obra que pode ser completa: pão do corpo e da alma e habitação de famílias.

Na altura em que me voltei para dizer uma palavrinha de louvor a Deus por tudo, choquei com muitos, muitos olhos rasos de alegria. Era a hora do milagre. Finalmente o dia chegara. No dia seguinte já cinquenta crianças teriam a creche aberta com almoço e lanche quentinhos, enquanto as mães vêm à cidade á procura do caldo e outras necessidades.

Um grupo de três Senhoras Servitas de N. Senhora, vendo a distância da cidade e a falta de meio de transporte para as Criaditas e habitantes do Bairro, lançou um movimento para aquisição de uma carrinha. Ali mesmo houve muitas mãos dadas. Regressaram a suas casas com a alma esperançosa. Eu fiquei cheio aquele dia!

Foi o dia que o Senhor fez. Alegremo-nos.

Padre Horácio

CALVÁRIO

roso que se vê corruído por mal implacável. E na resignação destes temos presenciado horas altas de Esperança, quando a humana findou. A Esperança é mesmo a virtude cristã que está na base desta Obra que recolhe somente incuráveis. É por força desta virtude que tudo nela se opera. É por via desta virtude que os visitantes deparam com serenidade e paz neste local de tanto sofrer, onde o doente que chegou é um irmão que se recolhe. O sentido da dignidade do estropiado, mais o amor por ele são resultantes do clima cristão. O mundo não possui aquele sentido nem conhece tal amor porque vive em outra luz — luz frouxa, porquanto não ultrapassa o efémero. Tal sentimento pela dignidade alheia, esteja ela em diminuídos físicos; tal amor pelo inválido sem cura, mesmo quando o mal lhe ofuscou o aspecto humano—são os antípodos do terrorismo moderno, ainda que este seja benévolo, como o relatado em todos os jornais de há poucos dias, a propósito da morte da pequena Corinne, de Liège. É por bem que o mundo age? Talvez... Mas não, que ele actue bem! São valores eternos que se abalam. São leis positivas, necessárias à segurança de cada indivíduo, que se proscrevem. Os doentes, cuja situação terrena reclama o Calvário, dão-nos autoridade para contestarmos a absolvição, infame para a Humanidade, do crime perpetrado contra a inocente criança, morta pela mãe, com consentimento de familiares e de amigos. Onde estão os direitos de Deus, Senhor absoluto da Vida,

continua na pág. DOIS

AGORA

Lembram-se do Eduardo e do Manuel Laranjeira, aqueles dois chefes de Família, pobres de teres mas ricos de força de vontade?... Pois eles aí vão hoje como pendão desfaldado, a abrir mais esta saída da **Procisão**. E eu espero não tardar muito, em que possa dar aqui fotografia de duas casas modestas, mas dignas; pequeninas, mas suficientes — que não de ser as suas casas.

É a vez do Eduardo: Nespereira com 50\$00. O mesmo de «Um assinante». O dobro do Porto, e cinco vezes mais de Baby. Outra vez 50\$ da Maria da Glória e igual quantia de outra Glória, mas esta de Coimbra, enquanto aquela do Porto.

Dez vezes mais de duas pessoas: uma no Lar do Porto; a outra é a assinante 20315. Naturalmente 50\$, este de Fátima e «É com grande máguia que envio tão pequena quantia». Mil, de Lisboa, de um alferes miliciano no Ultramar. Este, com tal espírito, andará com certeza fazendo campanha de Paz!

Cinquenta de Lisboa «e o meu desejo de que Deus o proteja e almas boas apareçam de maneira a que o próximo inverno já o encontre abrigado». O quádruplo de «Um casal de Lisboa».

«Uma migalhinha» de 20\$. E mais outras da mesma sorte, de gente conhecida e entre estas «Um Eduardo recém-nascido que pede uma oração». Ó beleza!

Duas outras pedrinhas de 40\$. Uma «é oração de graças ao Senhor por se ter dignado abençoar as minhas férias».

E agora é «Ninguém», primeiro com 20\$, depois com 10\$:

e «Uma leitora» com outros 10\$ e a explicação do porquê de tão pouco e este desabafo: «Era tão bom que não houvesse miséria! Afinal há tantos ricos que esbanjam tanto, mas têm o coração empedernido e não se comovem e até nem lêem nada que os faça tomar conhecimento da miséria!»

É verdade! E nós sabemos de alguns que — ó suprema ironia! — até são Senhores Comendadores!

É finalmente o último peregrino sob o pendão do Eduardo: «Um assinante de Sintra», com 60\$, metade para este e a outra metade para casa do Manuel Laranjeira, sob cuja legenda é, pois, o primeiro a figurar.

Segue-se F., que diz assim:

«Por dever, estes 50\$ são para a Casa de N. S.ª do Carmo, mas quem é que tem coragem de deixar ir o Manuel Laranjeira de mãos vazias?!»

Faça, pois, V. Rv.ª, como julgar melhor».

Eu é que sublinhei por dever. Deus seja louvado pela delicadeza que põe em tantos corações!

Mais 50 de um assinante, o dobro do Porto, e 20\$00 também do Porto.

Atenção a esta carta da Suíça:

Peço que aceite esta pequena lembrança, fruto d'um aumento que tive este mês.

É, em partes iguais, para a casa do Eduardo e Manuel Laranjeira.

Ao ler a triste história desses dois meus irmãos que infelizmente é a história de tantos,

eu que estou na Suíça para conseguir ter uma casa minha, suplico que o Senhor me não deixe cair no egoísmo de só pensar em mim, esquecendo os irmãos que mais do que eu necessitam uma casa para se abrigar.

Cem do Porto, «pela paz e felicidade da minha casa». Outra vez «Ninguém» com 100\$ e 40\$00, «pedindo orações por uma aflição tremenda». 50\$ de Valentim, do Porto. E 20\$ da Quinta do Anjo. E outra vez 50\$ não sei de onde. E o mesmo, «para comemorar o aniversário do falecimento do meu marido». E três mil, «que seria a 1.ª prestação para a Casa do Zé. Mas o Zé pode esperar...» É de uma frequentadora habitual desta Procissão, irmã daquele alferes de quem se fala atrás. E menos 500\$ do que esta última remessa, mais esta carta:

Li a carta do Sr. Manuel Laranjeira no jornal «O Gaiato», de 29 de Setembro.

Logo desejei ajudar aquele Senhor e como por aqui fui ficando nas férias, por não poder ser de outra maneira, e, se tivesse saído, teria gasto o que não gastei..., junto para já 2.500\$00. Que outros possam enviar também ao Senhor Padre Carlos, pequenas ajudas para a construção da casa do Manuel Laranjeira, é o que desejo do coração.

Aproxima-se agora o pendão das Casas por inteiro:

É a «Casa José Jorge». E a «Casa dos meus Filhos», oferecida pelos nove filhos de uma abençoada Família de Sintra.

O grupo dos Pessoais não podia faltar, nem falta. É pena que muitos outros se lhe não associem. E já agora eu deixo aqui o alvitre ao Pessoal da Hi-Douro, onde aliás contamos bons Amigos, que não deixem sôzinhos os seus colegas da Hi-ca.

Temos, pois, como de costume, o Pessoal do Grémio de Panificação com 187\$50, 177\$50 e 190\$, relativos a Setembro, Outubro e Novembro. E o Pessoal da HICA, com 1897\$20, 1939\$40 e 1897\$60, pelos mesmos meses.

Desta feita juntou-se a este outro grupo de gente modesta e trabalhadora, «Os Bairristas do Palácio», que vieram em romagem, como é seu uso desde há anos, no 3.º domingo de Outubro, e deixaram, além de muitas outras migalhas para a Casa do Gaiato, 755\$40 para o Património dos Pobres.

Eis, agora, os de todos os meses: O «do tabaco a menos» (três presenças); a «Mariazinha e Artur»; a Maria do «Pequeno Louvre» (2 presenças); aqueles 20\$ certos com o pedido de «uma A. M. pela conversão de um chefe de família», mais 40\$ do Assinante 17477, «com o pedido de orações pelos meus filhos»; e 60\$ da Guarda, «pedindo que recomendem ao

Senhor esta criatura que tanto precisa d'Ele». E qual é a criatura que não depende do Criador, quando este é Pai que não cessa de debruçar-se sobre quem criou?!

E vamos fechar, hoje, com os **Eventuais**:

500\$ de Lisboa-2. O dobro de um Médico muito amigo, por promessa da Esposa. 50 marcos de Baldham — Alemanha Ocidental. Mais 1680\$, num saquinho de plástico onde o oferente todas as semanas vai depositando uma moeda de 10\$. E 720\$, «para complemento de uma antiga promessa». Outra promessa: É da Ana Maria, que este ano não pôde vir pessoalmente, mas mandou o costume.

E: **Aqui vai mais mil, para as casas dos pobres. São esmolas que me dão. Agora tornei-me**

«pedinte», por amor dos pobres.

Manuela

E mais esta carta de letra muito conhecida:

Ao arrumar uma gaveta que há muito tempo estava fechada, encontrei um envelope com 600\$ e um papelinho onde se lia: — para uma casa dos Pobres, dos Gaiatos. — Como sempre tive desejos de concorrer para a construção de uma, e agora não me é possível fazê-lo, envio com satisfação essa importância e bendigo a Deus pelo prazer que me deu com esse «achado» de que não me lembrava já.

Com desejos de muitas mais ofertas e a melhor saúde, a assinante 4343.

E até à quinzena, se Deus quiser, para matarmos saudades dos das Casas a prestações.



A exposição de trabalhos confeccionados pelas belenitas a favor da compra da Casa Nova esteve patente ao público durante mais de um mês, em montra da Casa «Delfim Correia», à rua Formosa, em Viseu.

Precisamente durante todo o tempo da exposição é que eu fiquei completamente só em casa com as pequenas, de modo que foi de todo impossível colaborar nos trabalhos que a mesma deu. O proprietário do estabelecimento tudo tomou à sua conta com tão grande espírito de colaboração, que não podemos deixar de lhe manifestar aqui o nosso profundo reconhecimento.

As belenitas, assim que viram na montra os seus primeiros trabalhos, ganharam tal entusiasmo, que era ver sair prontos das suas mãozitas hábeis muitos outros que tornaram possível o prolongamento da exposição por tempo não previsto.

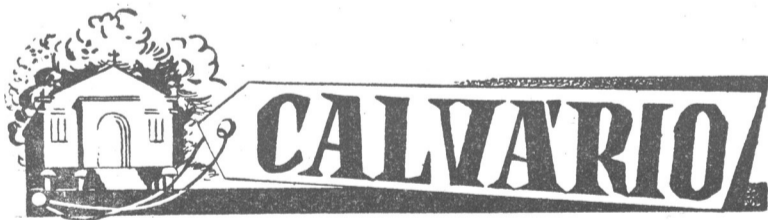
Infelizmente isto não se pode dizer de todas, pois também por cá há quem sofra de preguiça aguda. Por isso é de toda a justiça que na primeira oportunidade sejam premiadas aquelas que trabalharam com mais dedicação e entusiasmo.

Os trabalhos agradaram. As pessoas que sabem apreciar admiram-se da perfeição atingida, dada a tenra idade das executoras: 7 a 11 anos.

Agora vieram as aulas, pelo que é pouco o tempo dedicado aos labores, mas, mesmo assim, contamos que mais trabalhos das nossas pequenas voltarão brevemente à mesma montra, onde esperamos que as pessoas amigas se não esqueçam de adquirir as costumeiras prendas do Natal e Ano-Novo.

Assim como esperamos que todos os nossos Amigos, espalhados pela Metrópole, Ultramar e Estrangeiro não esqueçam que o Presépio Vivo que Belém tem sido, desde o Natal de 58 até hoje, tem urgência de se mudar para local mais adequado, o que não conseguirá sem a ajuda de todos.

x x x



continuação da pág. UM

que ordena «Não matarás»? Onde os direitos da pessoa humana, possuidora de alma imortal, quando lhe roubam o primeiro valor na ordem natural, que é a vida? Para onde se desterra o poder redentor do sofrimento? Se Cristo não valoriza já o penar humano, tornando-o penhor de resgate, estúpida e vã é toda a vida humana, quando não desliza em facilidades. Mas Cristo continua valorizando o nosso sofrer, que o mesmo é dizer, todo o nosso viver, pois não há quem não sofra. A Sua Ressurreição, após a oblação voluntária do que o Pai decretou, garante perenemente igual desfecho a todo o que se configura com Ele. É por força desta verdade que o Calvário teima em recolher o que o mundo enjei-

ta. E no enfeitado vai semeando Esperança que gera Paz, em cujo seio se encontra a Felicidade. Não raro deparamos, em corpos enfermos, com rostos a estalar de felizes! A Felicidade é valor supra-terreno. Situa-se no domínio do espírito. Por vezes denomina-se de infelicidade a simples ausência de pernas ou braços ou até saúde. É colocar a Felicidade num plano demasiado baixo e transitório.

Bem sabemos que o Calvário não tem sentido para o mundo. Mas conhecemos também que no mundo há quem o entenda e aprecie. Ele é afirmação de eternidade. Só os que nesta crêm, o compreendem.

Quanto eu queria ter ido buscar a pequena Corinha para a libertar das garras do século corrente e lhe dar um beijo redentor! Quanto!

Padre Baptista



Filhos de pai incógnito

Alguém me avisou, e eu, contra o meu costume, dei 7\$50 por uma revista. Desde aqueles dias tempestuosos passados em celas de Prisão, ganhei amor a tudo o que sabe a justiça. A cela de então fez com que criasse amizade aos problemas sociais. Por isso me dei ao luxo de comprar uma revista por 7\$50!

Fala-se na prostituição, fala-se dos precários problemas, e do decreto que se construiu por amor da LEI. Expõem-se vários problemas, pondo a nu e crú a chamada «Lei para uns e liberdade de leviandades para outros». Reconhece-se indispensável a prostituição como finalidade de vida de uma parte das mulheres, a favor de uma outra parte que precisa de guardar castidade até ao Matrimónio.

Mentira. Não há necessidades. O hábito é que cria essas necessidades. A Lei que foi dada a Moisés, não exclui ninguém do Seu cumprimento. O assunto é melindroso demais para se dar opiniões infundadas. Ninguém mais conseguiu fazer uma lei tão apaziguadora como a do Monte Sinai. Daí, que nós, homens, não temos que hesitar em nos servirmos desses Mandamentos, para construirmos as normas com que nos dev-mos amar e defender. Não há alternativas nem entremetos. É proibido porque degradante, porque é outro o decoro da sociedade, e mesmo contra a virilidade do homem. É proibido, porque corrompe as almas e atrofia em vícios o corpo. E a Humanidade ressentida desses vícios, e a sociedades dissolvem-se em ódios e guerras.

Não há outra mentalidade válida senão esta: **A razão das coisas criadas por Deus.**

Se a sociedade ou os pais consentem e estimulam a incastidade, esses mesmos constroem a lama onde depois se vão encharcar.

Ora, ele há praí gente com muita vontade de ajudar a tirar a lama da rua, mas uma grande parte vive no medo de se sujar, e então criam dúvidas e fazem criá-las. Ora isto não é «colaborar»

O caminho é por ali: Reproduzir leis da Lei.

Se assim não fôr, então há sempre dúvidas, e assim nos vamos deixando levar na enxurrada das «necessidades» físicas porque a força do hábito e a fraqueza das vontades criou essas necessidades, transformando-as em vício, e nos custa largar essa fácil mentalidade de luxúria.

Sobre o que li, na revista que me custou 7\$50, alguém me escreveu com esta frase: «Não sei se este escritor escreveria o mesmo se visse cair no abismo e prevalecer naquele caminho uma sua filha, uma irmã, ou mesmo a sua Mãe». Sim; como veríamos nós o problema, se alguém nosso enveredasse por aquele caminho?...

«Amemos os outros como a nós» — eis o Caminho.

Ernesto Pinto

seu. Outro tanto de Maria Teresa. Continuamos à espera do dia em que... em vez de mandar, venha. Conte com as nossas pobres orações e obrigadas pelas suas.

Terminamos informando de que, no passado mês de Outubro só foi possível pôr de parte 5 contos.

Precisamos agora portanto de:

633.000\$00

—5.000\$00

628.000\$00

Bem-hajam.

Inês-Belém-Viséu



Mais um dos nossos que o Senhor veio buscar. Apesar de estarmos prevenidos de que a Sua vinda é como a «do ladrão», confessamos a nossa surpresa. Ele tem sido tão nosso amigo! Ele tem-nos poupado tantos desgostos! Por isso ficamos surpreendidos. Não escolhe idades. O Sebastião que Ele veio buscar no dia 14, às 6 horas da tarde, tinha apenas 11 anos, feitos em Janeiro.

Na véspera e ante-véspera ouviu dizer, à hora da catequese, que a nossa vida está nas mãos de Deus. Não somos senhores dela. Mal sabíamos que esta verdade iria ser confirmada um dia depois.

Aceitamos, Senhor, esta lição para nós e pedimos-Vos que ajudeis todos os nossos rapazes a tirar dela grande proveito. Que a alma do nosso pequeno Sebastião, se estiver no Purgatório, não demore a ir para junto de Vós.

P.º Manuel António

DOIS ANIVERSARIOS

16 DE OUTUBRO

Foi em 16, como Pai Américo, que o Senhor chamou a contas o Engenheiro Duarte Pacheco. Que as tivesse em dia, ele que trabalhava quase as 24 horas de cada para não deixar em atraso o que era urgente!

Também um desaste de automóvel o colheu de surpresa... (A morte vem como um ladrão!) Mas a velocidade que ele imprimira à sua obra bastou para que ela continuasse a cumprir-se largos anos, conforme os seus planos.

São dois traços de semelhança entre dois homens de caminhos bem diversos, que mal se conheceram; porém, o suficiente para se terem compreendido profundamente. E que amizade os não teria unido, se a morte não levava o ministro do Estado quando o ministro de Deus principiava a realizar em projecção os planos que Deus projectara para ele?!

Que o Senhor os tenha juntos para sempre no Seu convívio.

26 DE OUTUBRO

Comemora-se o passamento de quem era o Governador Civil do Porto, quando esta quinta de Paço de Sousa foi entregue à Obra da Rua.

Esta entrega teve a sua história e, como era próprio, o selo da contradição. Senhor Dr. Pires de Lima foi outro que compreendeu o Homem chamado a fazer a Obra e não se escandalizou, nem teve dúvidas. O decorrer dos anos confirmou a certeza da sua intuição.

X X X

Ser compreendido — talvez mesmo adivinhado — é algo que alegra intimamente, que gera gratidão.

Por isso, estas são duas datas que têm o seu memento no Altar da nossa Capela.



BARREDO

Foi um destes domingos. O Baptista — um dos de Miragaia e agora serralheiro — acedeu ao meu convite.

A volta pelos nossos irmãos mais necessitados começou, como sempre, no Altar. Depois de digerirmos uns golos de café, eis-nos a caminho de casa dos nossos grandes amigos, os Pobres. «Os Pobres são a nossa riqueza».

A primeira visita foi à senhora Albertina, pobre envergonhada que mora no Campo 24 de Agosto. Apesar da idade avançada, já estava a pé. «Foi Deus que o trouxe — exclamou ela quando nos viu, ao mesmo tempo que nos mostrava uns miseráveis tostões que lhe restavam. «Se não são os senhores que seria de mim?» Sim: que seria desta pobre velhinha, que já há anos não pisa os paralelos da rua?... De que é que ela se alimentaria naquele dia, se nós não tivéssemos lá ido levar o pequinho, que tu, amigo leitor, nos mandas? Mas como ela quantos e quantos nas mesmas condições! Só Deus sabe!...

Eles, há-os que necessitam, mas ainda podem dar as suas voltinhas, e lá vão arranjando as miseráveis migalhas do dia a dia. Agora, destes nossos irmãos, que já viveram menos mal, ou até bem e que ainda, por cima não podem sair de suas casas, é de termos mais em conta e por isso mesmo para eles os nossos maiores óbulos e carinhos.

Ela quis saber de toda a nossa grande família da Obra, por quem nunca se esquece de pedir ao Senhor. Vós amigos benfeitores, também pertenceis a esta Família, que é a maior de Portugal.

Quanto não valem as orações destes nossos irmãos?! Vale muito mais uma só Ave-Maria deles do que um altar cheio de velas, cujo chama é apenas a da cera.

Depois, seguimos para casa da Senhora Justina. Da casa desta à da Snr.ª Albertina, são uns passos. Fica ali mesmo na Rua do Bonfim.

Ainda não chegou a vez de ser demolida a ilha onde vive esta mãe com dois filhos, doente dos pulmões e com o coração preso por fios, tendo ainda a sua mãe muito doente e de muita idade para sustentar.

«Veja se nos arranja uma porta porque esta não veda e a Senhora não a quer arranjar. Ela diz que se não estivermos bem nos mudemos» Isto é triste mas é dos nossos dias. A senhoria acha que o que esta pobre mulher paga por um cardenho onde mal cabe a cama e muitas vezes chove é pouco? Deus lá estará para fazer justiça. Ele não dorme.

Não demorei muito. A volta era grande. Os necessitados são imensos. Dali à Senhora Emília também é um instante. Ela não estava. Por isso mesmo cheguei às Escadas dos Guindais. Quando lá vou estou sempre a ver quando não encontro a Snr.ª Leonor. A sua vida está presa por um fio. Ela sabe-o mas não deixa de ter Fé. E que Fé!

Junto do taboleiro inferior da Ponte, sobre o Douro, lá estava a já nossa conhecida, filha da Snr.ª Maria José. Vestia luto. Quando a vi notei a sua tristeza. Era mais do que a do costume.

«Ó Snr. Fernando está lá em casa o meu netinho no caixão!» Fui ver e ali mesmo não tive vergonha de pedir misericórdia pelos pais. Ele era filho do pecado. A mãe lá estava sentada numa cadeira a velar o pequenino corpo do seu filho. Além de tudo ela era mãe! A Snr.ª Maria José, estava deitada muito irrequieta, mesmo ao lado do bispeto. É já o segundo colchão que estraga. A filha vê-se para arremendar a roupa de que ela dá conta. Por isso mesmo mais uma vez faço apelo para roupa de cama para esta incurável.

A casa estava bastante arrumada. Logo que entrei, deparei com uma cama que não existia lá da última vez que lá fui. «Foi uma senhora que veio cá e ma deu».

É assim mesmo ir, ver e agir. Ela tinha mais uma cama com colchão e tudo. Bendito seja Deus.

Como era dia solene por via da morte do menino, estava tudo com cobertas pobresinhas mas limpas, que os vizinhos tinham emprestado. São assim os Pobres. Ajudam-se uns aos outros. E de alguns até posso dizer que se amam.

A Senhora Adorinda é um deles. Quantas vezes, eu já vi, ela vai buscar restos de pão a um determinado restaurante, e pelo caminho reparte metade, quando não a maior parte, pelos seus irmãos que, segundo diz ela, são ainda mais necessitados.

O Baptista, além de ser daqueles lados, admirou-se quando entrou na Rua Fonte Taurina, 62. Tanta criança! Sim, tantas crianças! Mas se só fossem tantas crianças, ainda vá! Mas o pior é o mais vergonhoso para nós é as escassas condições em que vivem. Elas feridas e aleijadas; elas sujas e rotas; elas doentes e cheias de fome. «Dê-me um tostão para pão». Isto vê-se naquela casa inabitável.

Naquele prédio, só visitei duas famílias: a primeira foi a Senhora Ana mãe de 6 filhos, todos eles dos 5 meses aos 6 anos. Aquele dia não era dos pobres. O Homem tinha trabalhado quase toda semana. Vi e até provei do que eles tinham. «Snr. Fernando esta semana não lhe peço. O meu homem trabalhou e eu fiz uns escaditos. Para a outra vez não se esqueça de mim».

Fiquei contente, pela sinceridade.

da mulher e pelo pouco mais que tinha para dar aos filhos e por isso mesmo lhe deixei mais uns tostões.

Era para ficar por aqui, mas não. Cito-vos ainda o caso da Senhora Prazeres:

Mora na rua de S. Victor, 38. Idiver. Lá encontrareis pela certa, uma avó rodeada de 5 netos, neste tempo semi-nus e que vivem num sótão a pagar 150\$00 por mês. Se tens tempo vai ver e diz-me da tua justiça. Se não tens tempo, envia-nos uns escuditos ou o que tu puderes para auxiliares a remediar o mal destes nossos irmãos em Cristo.

Está aí a chegar o Natal e os agasalhos que têm entrado são muito poucos, comparado às necessidades que, como acabais de ver, são aos montes. Lhem que o frio já chegou! Quer queiramos, quer não, eles são nossos irmãos.

Por isso mesmo, como filhos do mesmo Pai, não os podemos abandonar.

Eu sei que há quem pode e não quer e quem quer e não pode.

Os primeiros deveriam meter as mãos na consciência e fazer mais sua a miséria dos outros: E os segundos rezarem pelos primeiros. **AMAI-VOS UNS AOS OUTROS COMO EU VOS AMEI, PARA CUMPRIRMOS A VERDADE DA PALAVRA NOVA.**

F. Dias

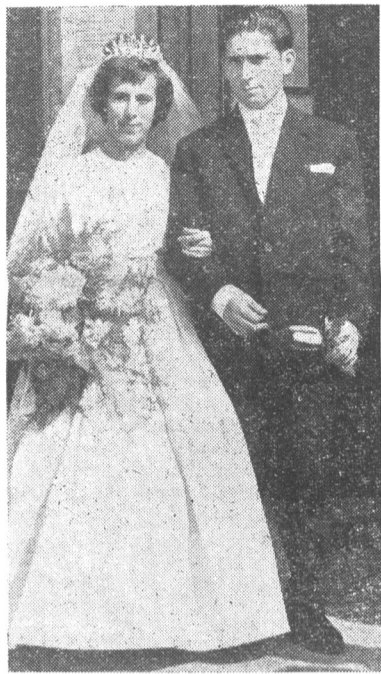
AUTO-CONSTRUÇÃO

A ignorância não costuma aproveitar a ninguém. Muito menos em Auto-Construção. Tratando-se de um empreendimento difícil, demorado e custoso, há toda a vantagem em cada um ter ideias claras dos mínimos pormenores do movimento. Cada elemento do grupo deverá ser bem informado de tudo, em particular. Antes de mais é preciso que cada um saiba que entrar para um grupo de Auto-Construtores é contrair uma obrigação séria, um encargo pesado. Fazer uma casa é uma tarefa difícil a toda a gente. Fazer um grupo de casas por um grupo de trabalhadores não é evidentemente uma brincadeira de crianças. Muito ao contrário. Deve-se explicar bem, desde a primeira hora, que o rendimento dos diferentes membros do grupo nunca será matematicamente igual. Este facto, evidente em si mesmo, é sempre fonte de um ou outro pequeno atrito entre os trabalhadores. Em todas as sociedades uns são prejudicados e outros favorecidos. Também assim em Auto-Construção. É certo que por último, bem avaliadas as coisas, ficarão todos favorecidos. E a prova está em que cada vez se multiplicam mais todas as espécies de sociedades. O homem só, por si mesmo, cada vez está mais longe de solucionar os seus problemas. A humanidade não caminha nesse sentido. Realmente, uns cumprirão melhor que os outros, mas, por último, todos beneficiarão. Ora os

membros de uma equipa devem ter em conta este facto desde o princípio. Auto-Construção exigirá um grande sacrifício. O trabalhador que quiser construir uma casa por este sistema, terá de economizar muito tempo e muito dinheiro. Sem uma grande economia de tempo e de dinheiro feita por todos os elementos do grupo, não poderá haver Auto-Construção. Não se vão tirar os rapazes dos seus empregos, dos seus ofícios, dos seus lugares. Têm de continuar a ser operários, artistas, modestos empregados e, ao mesmo tempo, Auto-Construtores das suas casas. Têm de continuar a cumprir nos seus lugares, nas suas oficinas. Auto-Construção não tira ninguém do seu lugar. Pretende ajudar a fazê-lo a sua casa nos momentos livres. Ainda Auto-Construção não patrocina casas sem um mínimo de condições. Cada vivenda ficará a valer à roda de 40 contos. Daí o grande sacrifício que se pede, pois, em trabalho e em dinheiro, para dez casas terão de aparecer quatrocentos contos. As casas, por enquanto, demorarão três a quatro anos a fazer. Ninguém se iluda, pensando que este prazo poderá ser muito mais pequeno. Não pode ser. Então, se de princípio dissemos isto tudo e ainda mais, haverá algum operário que queira ser Auto-Construtor? Haverá sempre e em toda a parte quem prefira a verdade nua e crua, mesmo dolorosa.



VISTAS DE DENTRO



Manuel Pinto e Esposa



O filho do Manuel Jorge Pinheiro

A Família cresce, continua a crescer incessantemente. Conforme a bênção aos velhos Patriarcas, também de Pai Américo se poderá dizer que foi constituído Pai de inumeráveis gentes.

Ainda ontem, depois da entrega de uma casa do Património em Ariz, eu tive de correr ao Porto, para dar um abraço ao Fernando Guedes, já que não cheguei a tempo de assistir ao seu casamento; e a seguir fui baptizar o Zé Carlos, segundo filho do Zé Eduardo, outrora muito falado nas colunas do «Isto é a Casa do Gaiato», de que estas pobres re-



Rui de Jesus, filho do Constantino

gras são um sucedâneo. E hoje aqui dou à estampa notícia fotográfica de outros rebentos: Uma dá-nos o Manuel Pinto que foi entre nós o «Amarante», mais a Mulher, à saída da Igreja onde se casaram. Ele é alfaiate e trabalha em Rebordosa já há alguns anos.

Dos pequenitos, o que está sentado é o primeiro filho do Manuel Jorge, afinador de Teares na

Fábrica Salgueiros; o outro é o segundo filho do Constantino, há vários anos funcionário da Hidro-Eléctrica do Cávado na Barragem da Caniçada.

UM dia destes Manuel Pinto chama-me ao lado e põe-me ao corrente, em voz muito carregada de mistério, da informação do nosso fornecedor de hóstias para a Missa. É o caso que nos últimos tempos tem havido uma procura desusada de hóstias grandes, a qual provocou a estranheza e a denúncia do nosso fornecedor.

Chamou-se a capítulo a corporação dos sacristães — e eu disse e disse e disse. Nem quis saber qual o culpado. Era fácil!... Por isso mesmo é que eu não quis, para que os ilustres sacristães desta Casa do Gaiato, se façam fortes e dominem a gulodice das hóstias, que, verdade, verdade, são bem saborosas!

Como, porém, para grandes males, grandes remédios, combinou-se que, de ora em diante, como para o mais, também para as hóstias seria necessária uma requisição. E assentou-se que seria competente para a assinar o decano dos sacristães, o «Campanera». E, aproveitando a maré, resolveram-se outros problemas da sacristia, para o que se fez uma reunião convocada pelo seguinte documento:

« EDITAL

Sacristão: Aranha
Lavadeira: Sepadre Carlos
Novos recrutas: Raul, Faniqueira
Sacristão atrazado: Campanera

x x x

Logo, seguindo as ordens do Sepadre Carlos, todos os sacristães têm uma reunião.

Porque será?

Precisa-se de uma campainha para a Capela.

«Campanera»

Devo esclarecer que naquela folha de serviços aparece o meu nome como lavadeira da semana, para que, alternadamente, Sr. P. e Manuel também assumam o encargo de purificar a roupa do Altar. É que agora é inverno, a água muito fria, e Sua Reverência costuma fugir à fachina!

Volto à notícia anterior e chamo a atenção para uma realidade muito séria que ela nos revela. Foi o cuidado do nosso fornecedor de hóstias em estranhar a excessiva procura e nos avisar da sua estranheza.

Quem dera que todos os nossos vizinhos tivessem esta consciência! Mas nem todos!... Ainda há meses, quando de um sarilho muito sério que aí houve, eu fui com o causador do dito a uma loja onde ele fizera das suas, e o estalajadeiro disse-me que «se tinha a casa aberta era para vender».

Viva, pois, o senhor Zé sacristão!

EU atravessava da rua que vem da lavoura para o balneário. Tinham batido as sete e meia e tocara para o fim do trabalho.

Perto do portão Sejaquim e o seu moço. Uns passos mais e transpuseram-no! A seu lado seguia um dos mais velhos. Portão aberto de par em par. Ao pisar a soleira, pareceu-me vê-lo esboçar um movimento elástico, entre seguir e ficar. Sejaquim e o seu moço seguiram. Ele ficou.

Ao longe, sem que ninguém me visse, eu pedi a Deus que dê a todos os nossos rapazes o domínio de si mesmos na liberdade e a compreensão dos valores formativos que têm ao seu dispor e de que é símbolo adequado o nosso portão aberto de par em par os 365 dias de cada ano.

A Senhora teve breves dias de descanso no fim de Setembro. Ela é, sòzinha, a Mãe de Família deste grande Lar. Me'lo ficou na ponte de comando, com a cozinha e a dispensa.

Os «batatas», que dormem junto ao quarto da Senhora, ficaram à conta do Renato, o mais velho deles.

Quem me dera ser capaz de deixar aqui um retrato do que era a oração deles, presidida pelo Renato!

A nossa oficina de sapateiro sofreu grande desfalco de pessoal nos últimos meses.

Primeiro foi o Tomás, que par-

tiu para Lourenço Marques, onde trabalha numa fábrica de calçado. Depois o «Planeta», chamado pela tropa.

O «Capitão» foi promovido a comandante em chefe e lá tem ido dando conta do recado.

Foi nesta altura que um Pároco vizinho nos pediu que deixássemos vir aqui aprender a arte um rapazito seu paroquiano, parafítico das pernas.

Pusemos o problema. — Que é do mestre?

Pois o rapazito veio e está qua-

se artista pronto, capaz, já, de ir ajudar seus pobres Pais.

Eu não sei quantos defeitos técnicos não produzirá este nosso sistema do desenrascate... Mas com certeza ele pode ter um alto valor humano.

Deus queira que o nosso «Capitão» e os seus pequenos aprendizes possam encontrar no futuro os frutos desta escola em que o engenho foi mais aguçado pela necessidade do que por D. Técnica com todos os seus pergaminhos.



TOJAL

SELOS USADOS — A Campanha vai de vento em popa. Não esmorece. Em virtude disso as encomendas chegam todos os dias. E que boas que elas são. Estão de parabéns os nossos queridos leitores, ainda que nem todos tenham já contribuído. Lá virá o tempo em que poderemos assinalar a presença de todos vós. E vamos mencionar a lista das presenças desta quinzena: de Américo Sampaio, de Lisboa; Purfina Portuguesa, também de Lisboa e cliente da nossa Tipografia; outra vez Lisboa, por intermédio de Aurora de Oliveira Amaro; a Covilhã, de novo na Campanha, na pessoa de Eduardo Guerreiro Ricardo; mais uma vez Lisboa com Pierre Delpont; do nosso assinante n.º 19028 de Aveiro, uma bela encomenda. Bem haja. Lisboa vem mais outra vez e mais outra e outra; a Capital é mesmo a Capital e não quer que lhe roubem o título que ostenta muito merecidamente. Agora é Vila da Feira com muitos selos antigos em bom estado; vêm a seguir os Campeões da Campanha, — os nossos amiguinhos de Baltar — que se não fosse o pouco espaço do jornal publicaríamos a sua carta que nos chegou cheia de ternura. Bem hajam. Perto de Baltar fica Gondomar e de lá veio uma encomenda e esta carta que eu peço licença para publicar:

É com imenso prazer que me desfaço de todos os selos que desde há muito guardava na esperança de organizar uma colecção.

Inclusive tenho correspondentes em Angola, França e Brasil, na expectativa de arranjar troca de selos.

Mas confesso que o vosso pedido é maior que o meu desejo de coleccionar e portanto aqui vos envio tudo o que tenho.

Sòmente desejo que eles tenham algum valor para vós.

Felicidades, muitas felicidades vos envia a

Maria Antónia

Muito obrigados a Maria Antónia a quem desejamos as mesmas felicidades que para nós deseja. Os vendedores trouxeram selos que lhes foram entregues quando vendiam os jornais na Capital; e a lista fecha com os heróis da quinzena, ou seja a encomenda que ocupa o quadro d'honra. Além de uma categorizada encomenda de selos mandaram este postal que não hesitamos em dar à estampa:

Meu amigo, aí lhe envio o resultado de uma pequena campanha (só três dias) realizada entre os filósofos do nosso seminário. É possível que muitos dos selos não sejam utilizáveis, mas a minha pouca perícia de filatelista não soube escolher convenientemente os bons dos maus. Não tive paciência para encher desta vez a caixa mas continuaremos em campanha conforme as vossas necessidades.

...Aproveitamos para informar que os selos vinham preparados com a categoria de um bom filatelista. Os nos-

so parabéns aos Seminaristas de Filosofia do Seminário dos Olivais.

P. S. da Campanha:

Houve um senhor que nos enviou 20\$00 para ajuda da máquina. E nós aproveitamos para dizer que quem quiser-nos enviar dinheiro para a máquina, nós aceitamos com muito prazer e muita necessidade. E agora sim, é o final.

Cândido Pereira

LAR DO PORTO

Conferência

Estando de novo no Lar, com licença registada após 2 meses de tropa, fui informado pelo presidente da Conferência de que esta se encontra muito em baixo. Nem todos os nossos subscritores têm pago a sua cota mensal e por isso a receita é muito diminuta. Sucede que já vai aproximadamente em mil escudos o débito à Merceria que fornece os géneros aos nossos Pobres, o que até agora se não tinha verificado desde a fundação da mesma. Aos Pobres a quem tínhamos combinado pagar a renda de casa, temos faltado por carência de meios. Não há dúvida de que a Conferência atravessa presentemente um mau bocado. É uma situação crítica da qual só poderemos sair com a vossa generosa ajuda e compreensão. Há mesmo colaboradores nossos que tomaram conta do seu pobre através da campanha «Tenha o seu pobre» e que por certo se têm esquecido. Destes, agradecemos pelo menos notícias, se mais não puder ser, para assim sabermos com quem poderemos contar.

A missão das conferências vicentinas é, acima de tudo, propagar a fé, mas Pai Américo antes do chamamento para junto do Pai Celeste, deixou-nos como testamento os Pobres, que afinal constituiram a sua única e real riqueza. É pois grande a nossa responsabilidade e espinhosa a nossa missão.

O sacrifício, a renúncia, são coisas que custam e têm os seus espinhos, mas que são imprescindíveis à nossa vida de homens. Ai daquele que não sofrer por amor dos outros! Ai daquele que não renunciar por amor do próximo! A nossa religião é a nossa Lei e ela ordena-nos que amemos os desprovidos da sorte, que soframos com eles e que lhes curemos as suas chagas. Que lhe matem os fomes e os vistantos. Que lhe demos o conforto dum as palavras amigas e consoladoras. Numa palavra só: que os amemos como a nós mesmos.

E é por isso mesmo que hoje aqui estou uma vez mais para pedir a vossa generosa contribuição para que a Conferência volte ao de cima. A união faz a força, sempre assim foi e por isso, a tua ajuda querido leitor, por mais modesta que seja, será por nós muito estimada e agradecida. Muitos poucos, fazem muito, é um provérbio acertado. Vamos pois renunciar hoje por amor a Deus e aos Pobres. Que Deus aceite o vosso sacrifício.

A todos o muito obrigado do

Alberto de Almeida

